

Dr. Jonathan Greer, Arqueologia e o Antigo Testamento, Sessão 5, Contextos Culturais

© 2024 Jonathan Greer e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Jonathan Greer e seus ensinamentos sobre arqueologia no Antigo Testamento. Esta é a sessão 5, Contextos Culturais.

Olá de novo. Estamos aqui com nossa palestra final e vamos falar sobre contexto cultural. Então, examinaremos um pouco a estrutura social, os hábitos alimentares e também a religião, e apenas arranhando a superfície, como tem sido o caso de cada uma dessas palestras, esperançosamente despertando seu interesse para estudos futuros. Mas quando pensamos na estrutura do antigo Israel, um modelo comum é o da família patrimonial, popularizado por Larry Steger, David Sloan, Dan Master e vários outros, que analisa as descrições da Bíblia e as correlaciona a certos padrões de sociedade que conhecemos nas sociedades tradicionais e também uma estreita correlação com a arqueologia, que vê na menor unidade esta casa do pai, esta família delimitada onde temos uma figura masculina central e os seus filhos e depois famílias alargadas.

Vemos algum reflexo disso até mesmo na arquitetura, nas escavações da arquitetura do antigo Israel. O próximo nível seria o do clã e até a tribo. E então, em última análise, no topo do período estaria a divindade.

Então, para o antigo Israel, este é Yahweh. E você pode ver, mesmo na forma como é representado aqui com uma barra aqui, a divindade e o rei ocupam precariamente a mesma posição. E isto explica um pouco por que durante a monarquia, se ainda há, como muitos sugeririam, uma tentativa de enquadrar a monarquia neste modelo de família patrimonial, como então se torna a relação entre a divindade e o rei? Especialmente voltando à nossa discussão anterior sobre a imagem, se todos os humanos são co-portadores da imagem, onde está esse rei? Como ele se situa entre as estruturas sociais do lar e o divino? Então, vemos essa tensão se manifestando nas escrituras.

Se pensarmos na vida diária de um antigo israelita, como teria sido a sua vida diária? Teria sido uma vida de subsistência, onde grande parte do seu dia seria consumido com pensamentos e ações sobre o que você comeria, a coleta de alimentos, a preparação de alimentos e a preparação para tempos sem comida. Sua primeira preocupação seria a água. E você poderia coletar água da chuva em cisternas.

Aqui está uma foto de uma cisterna posterior do período helenístico que tirei logo após uma tempestade, e você pode ver como a água é verde. Podemos nos lembrar das advertências, especialmente em Jeremias, comparando e contrastando a água viva correndo de uma fonte para a água da cisterna que ficaria estagnada durante o

ano, e Jeremias lembrando os múltiplos pecados de Israel, abandonando a água viva pela água da cisterna. E nem era água de cisterna grande porque era reboco trincado e está vazando.

Então, você vê algumas dessas imagens cotidianas que entram nas metáforas e na linguagem das escrituras. Mas água, água, água. Isto é algo que não podemos realmente apreciar nos nossos contextos modernos se tivermos acesso a abrir uma torneira e a água sair.

Mas a água tinha que ser tirada das cisternas ou da nascente ou dos rios ou dos poços, e teria sido muito extensa. Também temos wadis, áreas sazonais de fluxo de água que ficariam secas durante a maior parte do ano e depois se precipitariam com a força das enchentes durante a estação chuvosa, ainda hoje muito perigosas. E podemos aprender arqueologicamente sobre as fontes de água através de levantamentos da paisagem e coordenando-os com assentamentos e civilizações.

Os produtos que teriam sido cultivados consistiam de uvas e tâmaras, trigo e cevada, romãs, figos e mel, costumava-se pensar, a partir do comentário dos rabinos, que quando a terra é chamada de terra do leite e querido, que se referia a tâmaras, mel. Bem, agora, com a descoberta de apiários e colmeias de nível industrial em Tel Rehov, poderíamos sugerir que talvez seja também mel de abelha. Talvez sejam as duas coisas, mas certamente consumiram mel.

Muitas das plantas, frutas e vegetais não animais que eles consumiram são acessíveis para nós arqueologicamente através do estudo da microarqueologia, olhando para aqueles restos que não podemos ver a olho nu, mas que podem ser descobertos ou detectados com o microscópio. Pecuária, ovinos, caprinos, bovinos e também caça. A caça fazia parte de qualquer sociedade antiga, e a divisão nítida entre caça e gado doméstico pode até ter sido confusa, alguns sugeriram.

Mas encontramos no registro ósseo de animais representações predominantemente de ovinos, caprinos e bovinos. Esses são os três principais tipos de ossos de animais que encontramos. Há um número menor de caça selvagem, especialmente gazelas e veados, mas também temos algumas evidências limitadas de porcos, como já falamos, e também de ossos de animais dos veículos do mundo antigo.

Então, a maior parte das viagens era feita a pé, mas quando você tinha um veículo ou um porta-malas portátil, o mais provável é que o burro fosse o transportador de bagagem preferido neste contexto, e os camelos eram frequentemente usados para o comércio de longa distância quando chegávamos ao período do primeiro milênio. Então aqui a zooarqueologia nos ajuda, olhando para a análise de ossos de animais em sítios arqueológicos. O ingrediente principal da dieta teria sido o pão, pão de trigo e cevada, e sabemos muito sobre o processo de passar do grão ao pão através

da arqueologia, da pesquisa etnográfica e também na Bíblia, do plantio, da colheita, da debulha, da joeiração. , peneiração e processamento.

Descobrimos instrumentos de ferro que seriam pontas de arados, movidos por humanos ou animais, que quebrariam o solo. Teriam então semeado a semente que teria sido salva da colheita anterior, e depois , à medida que os campos foram crescendo, temos também alguns vestígios arqueológicos de foices que teriam sido de madeira com lâminas de sílex que nelas foram implantadas. Às vezes, o osso também era usado.

E então esse grão teria sido colhido, ou os talos, e teria sido atropelado pelo trenó trilhador. Então você tem uma imagem relativamente moderna de como era um trenó debulhador, onde na parte inferior do trenó haveria pedaços de pedra ou metal, outros materiais duros que seriam então arrastados sobre os caules para separar a cabeça do trenó. palha. E então a próxima etapa seria joeirar e peneirar.

E aqui encontramos lajes de rocha exposta em locais ventosos onde, com implementos do tipo forçado, o purê de sementes e caules teria sido jogado e depois joeirado onde a palha seria levada pelo vento, e o grão então cairia no chão onde seria então reunido para ser processado com rebolos. Encontramos muitas pedras de amolar em escavações arqueológicas. A pedra de sela na parte inferior e a pedra de amolar em cima, e você vê que este é um exemplo egípcio do processo de transformar o grão em farinha.

Então, muito cedo na civilização humana, percebeu-se que se você deixar um pouco de farinha com água por um tempo, ela começaria a fermentar neste processo natural usando o fermento do ar, e o chamado pão de massa fermentada é exatamente o que o pão é até a invenção moderna do fermento. E depois, à medida que vai sendo misturada, a farinha e a água vão crescendo e depois assadas nos fornos que eles têm ou nos tabons. Então, este é o processo de fabricação do pão ainda praticado em muitas sociedades tradicionais.

E novamente, você vê metáforas para assar pão em todas as escrituras. Um dos meus exemplos favoritos disso vem do Livro de Amós, que aparentemente tem cada processo de, bem, tem muitas colheitas também, mas cada etapa da fabricação do pão, falando dos fornos quentes e assim por diante. Mas vemos esses tipos de metáforas que estão enraizadas no mundo real do antigo Israel e são empregadas ao longo da história bíblica.

A azeitona foi outra cultura muito importante, e vocês podem ver alguns vídeos que fiz há relativamente pouco tempo sobre a forma como ela era colhida com uma vara comprida e batendo na árvore, tendo uma cobertura estendida ou um cobertor para recolher as azeitonas que caíam. Era utilizado para fins cosméticos, para lubrificar a pele seca, mas também como combustível para as lamparinas de oliveira que

iluminavam as noites. Os métodos de produção de petróleo são outra coisa que podemos identificar arqueologicamente.

Também temos evidências do processo de produção de vinho, mas os mais proeminentes arqueologicamente são exemplos do processo de prensagem de azeitonas, onde as azeitonas teriam sido colhidas e colocadas na bacia sobre a qual uma pedra de amolar teria sido girada para criar um mosto de as azeitonas que teriam incluído os caroços e a polpa, as sementes. E então esse purê teria sido colhido e colocado em cestos e colocado sobre uma pedra de prensar. E você pode ver a ranhura presa ali.

E então pesos teriam sido aplicados na viga do outro lado da prensa, o que teria esmagado os cestos. E assim, as diversas prensagens que espremeriam o óleo que escorria pela ranhura e seria recolhido em um recipiente de cerâmica. Assim, encontramos evidências arqueológicas desses lagares por todo o país e algumas mudanças estilísticas de período para período, mas encontramos muitas evidências disso no antigo Israel.

Outras tecnologias que teriam sido importantes para a vida cotidiana incluem a cerâmica, onde eles pegariam a argila, misturariam uma variedade de inclusões no tecido da panela antes de cozinhá-la e temperariam a argila de certas maneiras, dependendo dos tipos de temperaturas. a panela estaria exposta. Assim, por exemplo, para panelas, eles geralmente incluíam um temperamento para garantir que a panela pudesse suportar ser colocada diretamente no fogo. E assim, eles usavam a cerâmica para cozinhar, para armazenar e para comer, para consumir.

Têxteis também. Temos evidências arqueológicas da produção têxtil. O que resta no registo arqueológico, ao contrário da cerâmica, onde encontramos pedaços partidos de cerâmica em cada balde recolhido, mas com os têxteis, nas gerações passadas, o único remanescente seriam pesos de tear que suspenderiam os fios verticais como parte do tear.

Agora podemos ver através da microarqueologia evidências de têxteis que foram perdidos a olho nu e, em alguns casos raros, temos têxteis que são preservados em condições muito áridas do Vale do Jordão e do Negev. Também temos algumas evidências de curtimento e couro que foram usados em roupas e, em períodos posteriores, também em pergaminhos. A construção teria sido feita com madeira e pedra.

Na verdade, mais pedra do que madeira. A madeira era uma raridade, então a maioria das paredes e estruturas teriam sido construídas com pedra, e a madeira teria sido as vigas que cobririam aquela extensão. Metalurgia também.

Temos diversas técnicas que foram utilizadas e evidências arqueológicas de algumas destas instalações metalúrgicas que ainda podem ser detectadas arqueologicamente, incluindo pequenas esferas, pequenos pedaços de metal que podem ser apanhados por vezes na fundição onde o minério é extraído. Outras vezes, temos instalações de fusão onde os itens metálicos existentes são colocados num cadinho para serem derretidos e reutilizados. Ao encontrar arqueologicamente instrumentos de metal, não os encontramos com tanta frequência como se poderia pensar, porque estes foram infinitamente reciclados e reutilizados.

Não se joga fora um instrumento de metal, mas sim o derrete para reutilização. Outro aspecto importante da antiga cultura israelita é o da religião. Obtemos uma imagem da religião israelita nas práticas descritas na Bíblia e depois recorremos ao registo arqueológico e encontramos muitas ressonâncias com o que encontramos.

Agora, encontramos muitas e muitas evidências de que não era somente a Yahweh que eles adoravam, e alguns apontarão isso como evidência de algum tipo de representação politeísta do antigo Israel. Mas é preciso lembrar, lendo novamente o texto bíblico, que qualquer tipo de lealdade a Yahweh, muito menos a Yahweh, é certamente projetada como opinião minoritária. Então, se lermos os Livros dos Reis ou dos Profetas, percebemos que as pessoas estavam, de fato, adorando uma série de divindades e as associando e incorporando à sua adoração a Yahweh, que é, de fato, o que frequentemente encontramos. no registo arqueológico.

Então, vejo isso não como uma dissonância, mas como uma ressonância exatamente com a situação que a Bíblia descreve. Temos algumas complexidades, como mencionei, com a perspectiva bíblica. Mas também temos material arqueológico que pode nos ajudar a compreender como a religião israelita era praticada.

Passar da prática à crença é, claro, mais complicado, mas estes instrumentos que temos, os restos materiais e iconográficos e até os restos onomásticos, os nomes, podem ajudar-nos a reconstruir um pouco do quadro destes reinos, como um paralelo etnográfico, novamente, onde podemos, por analogia, fazer comparações entre povos antigos e povos mais recentes que vivem em sociedades tradicionais. Quando pensamos em locais de culto, e devo especificar o que quero dizer com culto, às vezes quando digo culto, as pessoas estão pensando em sectários que estão esperando a chegada dos OVNI's ou algo parecido. Estou falando aqui puramente como culto como prática de religião, culto como prática de religião.

Então, se estamos olhando para instalações de culto, estamos olhando para lugares onde a religião era praticada no antigo Israel. Na identificação destes, os antropólogos criaram uma série de critérios que podem ser aplicados para nos ajudar a isolar onde temos locais de culto. Alguns deles são bastante óbvios, quaisquer ícones ou imagens de uma divindade específica ou inscrições.

Outros, começamos a ver padrões repetidos na cultura material que podem sugerir algum tipo de atividade ritual, um certo tipo de artefato que aparece em grandes quantidades em um lugar, estatuetas que estão enterradas em um determinado lugar, ou concentrações de ossos de animais em um local. poço junto com outros recipientes para queimar incenso ou imagens, etc. Então, usamos uma espécie de constelação de dados para estabelecer vários locais de culto e vários centros de adoração no mundo antigo em geral, e aqui particularmente no antigo Israel. Vão desde muito pequenos recantos ditos de culto, onde encontramos pequenas salas, tipicamente com bancos, e temos queimadores de incenso ou suportes pintados, por vezes imagens, e vasos particularmente invulgares.

Às vezes, serão zoomórficos em forma de animais, outras vezes encontraremos até estatuetas. E assim, temos essas pequenas instalações, os chamados cantos de culto, e também temos, em poucos exemplos, templos maiores, templos maiores. Temos um templo em Arad, Dan, e uma nova descoberta de um templo em Motza.

Há evidências de que havia um grande altar em Be'er Sheva. E há alguns locais anteriores da Idade do Ferro 1 que foram associados à adoração do antigo Israel. Um deles é debatido no Monte Ebal, que, na minha opinião, parece ser um santuário, mas existem algumas complexidades na tradição bíblica com base na crítica textual que talvez devêssemos olhar em Gerizim se estivermos procurando o altar descrito nos textos bíblicos.

Então, é difícil dizer com Ebal, mas acho que há boas evidências de que é realmente um santuário. A quem devemos atribuir isso, a sua construção, que permanece em debate. O local do touro é outra descoberta interessante que certamente mostra evidências de veneração de culto, e um pequeno touro que foi encontrado lá e que muitos associaram à adoração descrita na Bíblia está associada a imagens bovinas.

Portanto, sabemos que o touro era um símbolo comum nas religiões cananéias e em muitas outras religiões da época, e vemos que ele está intersectado na história de Êxodo 32 e 1 Reis 12, e particularmente associado à religião do norte nesses contextos. . Em Tel Dan, como mencionei anteriormente, aqui está uma fotografia de onde a Autoridade de Parques reconstruiu a estrutura metálica para o que seria o maior altar deste estilo de quatro chifres já descoberto em qualquer lugar do país. Você pode ver que esses são os chifres, mas o fato é que só encontramos um daqueles chifres usados em uso secundário, e por isso estamos recriando esse tamanho com base na base do altar.

Mas há uma série de características arqueológicas importantes naquele local que sugerem que, de facto, pelo menos na minha interpretação, temos a adoração de Yahweh a decorrer neste santuário. Portanto, temos uma correspondência de restos de ossos de animais que se ajusta muito bem às prescrições para sacrifícios, tal como as temos nos materiais sacerdotais da Bíblia. Parte disso foi o tema de algumas de

minhas pesquisas de dissertação que observaram que havia uma grande correspondência entre as porções do lado direito com um espaço conectado aos padres, em oposição às porções do lado esquerdo no pátio.

E então nos lembramos das prescrições sacerdotais que os sacerdotes recebiam o ombro direito ou a coxa direita, dependendo do texto, e se estivermos lendo o grego ou o hebraico, uma conexão fascinante. E havia três ou quatro outras ligações com ossos de animais. Existem também, como você verá no próximo slide, alguns artefatos interessantes que se conectam com descrições bíblicas da adoração a Yahweh.

E de fato foi encontrado um selo com um nome, um nome teofórico, que contém o elemento do nome divino Yahweh. Então, à medida que podemos juntar essas peças, há muitas evidências aqui de que o Deus que estava sendo adorado em Tel Dan era na verdade Yahweh, certamente no século VIII e muito provavelmente no século IX, e eu aditaria isso até mesmo para o século IX. essa transição, embora grande parte desta arqueologia ainda esteja sendo avaliada. Poderá haver algumas reconfigurações da arquitetura.

Então, teremos que esperar para ver. Mas este templo em Tel Motza não fica longe de Jerusalém, que foi datado dos séculos IX e VIII a.C., também está gerando bastante entusiasmo e questões sobre como, estando tão perto de Jerusalém, como isso se relaciona com o templo de Jerusalém? ? Falando do templo de Jerusalém, ou poderíamos dizer do templo, aquele em que pensamos quando falamos do texto bíblico, temos muitas complexidades em tentar entender como ele era, como funcionava, e a maior delas é que não temos nenhum vestígio material. Argumentou-se que havia uma romã, mas isso tem sido questionado desde então, e talvez um artefato reaproveitado e uma falsificação combinados em um.

Mas temos muito poucas evidências, se houver, do primeiro templo, o chamado primeiro templo de Salomão. E as descrições bíblicas, lembre-se, descrevem o templo em vários lugares da história. Eles até mencionam reformas que ocorreram em horários específicos.

Assim, as tradições bíblicas apresentam uma imagem composta de como era o templo. No entanto, temos alguns comparandos surpreendentes, algum material arqueológico comparativo incrível que pode nos fornecer muitas informações sobre os tipos de coisas que estão sendo descritas, desde janelas embutidas até suportes móveis para potros e a iconografia de querubins. Eles não eram bebês gordinhos do período renascentista, mas feras guardiãs ferozes com rostos humanos, corpos de leões e asas.

São bestas guardiãs que flanqueamos o templo de Andara, o que demonstra muitos paralelos com a descrição do templo de Salomão com câmaras laterais, com

alpendre, com salão e com o Santo dos Santos. Assim, temos muitos exemplos de motivos iconográficos, de características arquitetônicas, desta chamada estrutura tripartida que progride de um alpendre para um salão principal até um Santo dos Santos. Também temos um pouco disso em Tel Dan.

Decorações que conhecemos da iconografia do antigo Oriente Próximo, desde rosetas a querubins, passando por palmetas, janelas recuadas e romãs, entre outras. Também temos vários suportes para potros que eram usados para incenso ou talvez para tigelas nas quais eram derramadas libações ou queimado incenso, e até mesmo kits de altar. Então darei este exemplo de Tel Dan que mencionei antes e que foi encontrado nas Câmaras Ocidentais.

Então, esta é uma visão panorâmica. E numa pequena sala aqui nas Câmaras Ocidentais, junto a um pequeno altar de um metro por metro, encontramos alguns utensílios muito interessantes. Uma delas é esta linda tigela de bronze.

O outro é um par de pás. Essas duas pás que parecem idênticas foram encontradas, uma em cima da outra. Um terceiro tipo de pá de cabo longo.

E também tínhamos uma panela afundada cheia de restos de animais queimados. O que é surpreendente nessa concentração de artefatos é que quando olhamos nos textos bíblicos o que compõe um tabernáculo ou um kit de altar de templo, ele contém elementos muito específicos. Tem uma tigela de sangue, tem um par, sempre tem um par, de pás para tirar cinzas, uma pá de incenso, um cinzeiro, e em algumas listas tem um garfo.

Assim, em algumas pesquisas anteriores, associei esta tigela a nada menos que a tigela de sangue bíblica que teria recolhido o sangue de um animal sacrificial para ser espirrado no altar. Este par de pás, como o par de pás descrito, está sempre lado a lado com a tigela no texto bíblico. Pás de incenso, sabemos por representações posteriores destas que vão até os períodos romano e bizantino, que muitas vezes contêm uma superfície muito maior para a queima do incenso.

E o cinzeiro, como mencionei, já tínhamos no texto bíblico. Eles são aparentemente portáteis e feitos de metal. Este é de cerâmica.

Eu estava conversando com um dos meus amigos que a única coisa que não encontrei foi um garfo. Ele estava trabalhando em algum material semelhante. Andrew Davis é seu nome agora no Boston College.

E ele disse, você voltou e checkou os registros? Havia uma longa alça de metal encontrada na soleira desta sala. Então, poderíamos até ter o garfo, porque como você chama um garfo de três pontas com duas pontas quebradas? Você chama isso de cabo longo de metal. Então talvez tenhamos todos eles.

Na verdade, nem todas as listas do texto bíblico têm bifurcação. Portanto, estes e outros sugerem uma forte correlação com, novamente, algo da Bíblia e da arqueologia. Outro exemplo é que encontramos em todo o antigo Israel e Judá as chamadas JPFs, estatuetas judaítas ou pilares da Judéia, que retratam uma mulher e às vezes têm sido associadas à adoração de Asherah como pequenas imagens de deusas.

Outros disseram não, não, não. Asherah é uma divindade do final da Idade do Bronze. Estamos lendo detalhes sobre isso.

Asherah é mesmo uma divindade neste período? Ou existem elementos que lembram a adoração de Asherah sem serem imagens reais dela? Outros diriam que são orações em barro ou algum tipo de amuleto para auxiliar as mulheres no processo de gravidez e lactação. Então, o veredicto ainda está fora. Mas o curioso é que altas concentrações destes foram encontradas na própria Jerusalém durante os períodos de alguns dos reis mais fiéis, da perspectiva bíblica, os de Ezequias e Josias.

Mas você tem uma ideia de um pouco da cultura material do antigo culto israelita por meio de descobertas como essas. Outra evidência que podemos trazer é a evidência onomástica, ou seja, os nomes deste período bíblico. Portanto, temos nomes na Bíblia e também temos nomes que podem ser identificados arqueologicamente.

Então, aqui está o selo de Ezequias, e estas são fotos dos óstracos de Samaria, peças de cerâmica que foram usadas talvez como essencialmente papel de nota, recibos, rastreamento de remessas de azeite que datam do século IX ou talvez do século VIII. Mas olhando para estes nomes, o que é particular em termos da questão da religião é que muitos destes nomes são nomes teofóricos. Ou seja, eles contêm um elemento do nome de uma divindade em seu nome.

Então, meu nome é Jonathan, Yo-Natan. Yo como uma forma abreviada de Yahweh, Natan deu, então Yahweh deu. Meu nome é um nome teofórico.

Temos nomes teofóricos e você já os ouviu. Yah é uma forma abreviada de Yahweh. Jeremias, Ezequias e Zacarias são nomes teofóricos.

Mas também temos nomes teofóricos com outras divindades, com Baal, com Hadad, etc. Assim, ao rastrear algumas das evidências onomásticas, podemos sugerir as divindades que eram adoradas em contextos específicos. Alguns podem especular quanto à distribuição geográfica e também cronológica, rastreando a popularidade dos nomes como alguma correspondência às divindades adoradas nesses contextos.

Agora, nem sempre funciona. Certa vez tive um estudante cristão chamado Muhammad. Seus pais, um era cristão e o outro muçulmano.

Então, nem sempre corresponde à religião dos povos. Mas em contextos antigos, particularmente onde as divindades estavam ligadas a grupos étnicos específicos e a um local, em vez de em muitos contextos modernos onde se podia escolher uma religião ou uma mudança religiosa, elas dizem algo sobre o quadro geral da relevância da adoração. . Agora, você tem exemplos nas escrituras onde os nomes são alterados e assim por diante.

Mas pode ser sugestivo e útil no que diz respeito às divindades que eram adoradas em determinados momentos. Mais úteis em muitos aspectos são inscrições específicas, especialmente as longas. Agora, não temos muitos, mas dois que causaram muita excitação, Khirbet al-Qom e Qintilat al-Jarud mencionam Yahweh e seu Asherah.

E alguns até sugeriram que a iconografia representada no pithos de Qintilat al-Jarud deveria ser uma ilustração de Yahweh e seu Asherah. Parece que a iconografia e a inscrição foram feitas em momentos diferentes, mas talvez tenha sido outra pessoa preenchendo as lacunas? Muito debate sobre essas coisas. E até mesmo, o que isso significa, seu Asherah? Porque normalmente não temos um sufixo pronominal no nome de uma pessoa, nem menos no nome de uma divindade.

Então, o seu Asherah é um instrumento, uma árvore sagrada ou algum tipo de imagem que lembra uma divindade feminina, mas na verdade foi apropriado para a adoração de Yahweh? Já ouvi falar de alguns cristãos que até têm árvores de Natal em dezembro, onde há uma reapropriação do que antes era um símbolo pagão que é então dobrado sob um guarda-chuva religioso específico. Então, acho que isso talvez seja mais complicado do que às vezes imaginamos, essa correspondência entre ícones e significado, entre adoração, presença e adoração. Portanto, precisamos aplicar essas mesmas ferramentas quando olhamos para estes artefactos antigos.

Mas depois também olhamos para os textos bíblicos que mencionam, e curiosamente, quase sempre no plural, os Baalins e os Asherahs, ambos no plural. Então certamente houve, e houve muita adoração e incorporação dessas divindades, dos povos ao seu redor, muito incorporadas à adoração de Yahweh na Idade do Ferro. Também temos exemplos maravilhosos de iconografia que podem nos ajudar a compreender a religião do antigo Israel.

Vou dar dois exemplos aqui. Esta é uma imagem do sarcófago de Ahiram que alguns associarão ao Hiram bíblico, descoberto em Biblos. E mostra o rei falecido, indicado pelo lótus caído, carregando uma tigela diante de uma mesa de oferendas.

Mas o que quero salientar aqui é que ele tem o pé em um escabelo e seu trono é criado por querubins flanqueando, querubins flanqueando. Então, onde ouvimos falar disso? Pois bem, na descrição do templo de Salomão no Santo dos Santos, temos dois querubins que fazem sombra sobre a arca. Alguns sugeririam, creio que com razão, que é a forma ou função de algum tipo de trono.

A própria arca é chamada de escabelo. Então, o que aprendemos aí, isso está no mar de clareza que pode ser esclarecido por algumas dessas iconografias, é isso que temos no Santo dos Santos? Temos móveis. Isso é fazer uma declaração anicônica.

Não há imagem da divindade. Há antes uma mobília sobre a qual reside a divindade invisível, entronizada acima dos querubins. Outro exemplo fascinante é o estande de culto de Tanakh do século IX aC em Tanakh, na orla do Vale de Jezreel. Não mostra nenhuma inscrição, mas certamente retrata uma iconografia religiosa onde você tem um bezerro, alguns dirão um cavalo, mas eu entendo como um bezerro junto com muitos outros, com um disco solar alado e curvas nas laterais que provavelmente representam pilares.

Depois, uma árvore ladeada por cabras selvagens e leões. Aqui em cima temos querubins ao lado. A seguir, temos um espaço vazio com dois querubins.

E logo no registro inferior temos uma figura feminina com dois leões. Portanto, vários estudiosos sugeriram aqui que temos uma representação de Yahweh e alguma divindade feminina, talvez Asherah, ou uma manifestação posterior de uma Asherah específica. E assim, você tem Yahweh retratado de forma abstrata e icônica no símbolo do sol.

E curiosamente, com Ezequias, um rei fiel descrito na Bíblia, ele também empregou o disco solar como imagem em sua iconografia. Portanto, também temos textos bíblicos que associam Yahweh ao disco solar. Então, aqui está Yahweh entronizado sobre um bezerro, sobre o qual ouvimos falar no Reino do Norte.

O bezerro como veículo ou pedestal para a divindade. Querubins associados a Yahweh. E então o próximo registro abaixo, uma árvore sagrada, cabras e leões.

Todos estes estão associados a divindades femininas em geral no antigo Oriente Próximo. Então, alguns sugeriram Yahweh e Asherah. E depois um espaço vazio com querubins, Yahweh, com uma figura feminina com leões novamente.

Então, querubins, querubins, leões, leões. Então, eu sugeriria Yahweh e Asherah, Yahweh e Asherah. Temos aqui certamente um exemplo de mistura de tradições religiosas independentemente da identificação específica dessas imagens.

O último exemplo que temos, novamente apenas arranhando a superfície aqui, que pode nos ajudar a compreender a antiga religião e também a cultura israelita de forma mais ampla, é olhar para a arqueologia e os textos do antigo Oriente Próximo fora do antigo Israel. Assim, temos outros templos, outras parafernalias de culto e textos extensos, bem como paralelos etnográficos. Podemos ver semelhanças no fato de que eles praticam sacrifícios, se envolvem em festas sagradas, em uma série de rituais paralelos aos rituais bíblicos, hinos, templos, sacerdócio, implementos e muitas, muitas semelhanças.

Mas também diferenças, muitas diferenças. É claro que a principal diferença é a centralidade do objeto de adoração, que é Yahweh, o Deus pessoal do antigo Israel. Mas também é, para fechar o círculo e terminar com isto, é também uma distinção interessante na forma como a religião funciona em relação à hierarquia da monarquia.

Assim, em todos estes outros contextos, com muito poucas exceções, o sumo sacerdote é muitas vezes o rei ou eles trabalham juntos em conjunto. Há uma visão elevada, tanto política como religiosamente, desta figura do rei. É algo muito diferente na antiga religião israelita e na antiga cultura israelita porque o rei de Israel corretamente entendido não é outro senão o próprio Yahweh.

Então, vimos através desta história do antigo Israel que voltamos ao ponto de partida em Gênesis 1. Há uma tensão, um contraste entre o design do papel de Deus em seu relacionamento com a humanidade que diminui e flui ao longo da história. do antigo Israel enquanto resistem a este desígnio. Mas essa religião como expressão da adoração a Yahweh deve ser dirigida a Yahweh e somente a Yahweh, não a uma figura política ou a uma ideologia nacional. Então, acho que isso é algo para aqueles de nós que estão no contexto da fé pensarem, especialmente hoje em dia.

Porque embora estas coisas tenham ocorrido há muito tempo e tenhamos que escavá-las de camadas de poeira, elas continuam a ser relevantes e excitantes de novas maneiras.

Este é o Dr. Jonathan Greer e seus ensinamentos sobre arqueologia no Antigo Testamento. Esta é a sessão 5, Contextos Culturais.